



## **Análise da cobertura da Folha de S. Paulo sobre a fraude do cientista coreano Woo-Suk Hwang<sup>1</sup>**

Sílvia Labé Gomes Simões<sup>2</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie

### **Resumo**

O presente artigo pretende analisar a influência dos periódicos de divulgação científica internacionais sobre o que é publicado nas editoriais de ciência de jornais brasileiros. Para isso, valer-se-á do conhecimento sobre jornalismo científico, da importância da divulgação da ciência e tecnologia no país e dos problemas da falta de diversificação das fontes, apuração precária e ausência de contextualização de conteúdos relacionados a temas científicos, tendo um fato em específico como objeto de análise: as pesquisas fraudulentas publicadas na revista *Science* pelo cientista sul-coreano Woo-Suk Hwang.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Científico; Science Magazine; Woo-Suk Hwang; Folha de S. Paulo

### **Introdução**

Apesar de vivermos em um mundo em que a cada dia novos avanços científicos e tecnológicos são descobertos, ainda presenciamos uma certa defasagem de conhecimento sobre áreas que modificam diretamente nossas vidas. Isso porque a qualidade de vida de uma população está estritamente ligada aos avanços da ciência e da tecnologia, que podem influir em outras áreas como a política e a economia.

Em uma democracia participativa, os cidadãos têm o direito de saber como seus representantes tratam da cultura científica e comparar com o que vem sendo feito em outros países, tendo assim uma base para apoiar, ou não, as decisões governamentais. A divulgação de ciência e tecnologia pode contribuir também para desmistificar a cultura científica de certos povos, construindo uma visão mais clara sobre sua realidade e mostrar quais as saídas para seus problemas.

Por mais que os principais jornais do país possuam uma certa organização e espaço para ciência e tecnologia, muitos ainda privilegiam material de origem internacional, utilizando indiscriminadamente o sensacionalismo e a publicação de informações com pouco valor científico. Os meios de divulgação científica são

---

<sup>1</sup> Apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

<sup>2</sup> Aluna do 3º ano do curso de jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pesquisadora de Iniciação Científica pelo CNPq, orientada pelo professor André Cioli Taborda Santoro. Endereço eletrônico: sica.simoes@gmail.com



utilizados como base para os periódicos nacionais, pois são considerados poderosos e de grande circulação, o que, segundo Warren Burkett, em seu livro “Jornalismo Científico – Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação”, pode acarretar na manipulação dos veículos que possuem menos compreensão sobre o tema.

Na cobertura do jornal Folha de S. Paulo sobre a fraude de um estudo a respeito de células-tronco publicado na revista *Science* pelo cientista sul-coreano Woo-Suk Hwang podemos perceber que a cobertura baseia-se em revistas e agências internacionais, com poucas matérias assinadas por jornalistas da própria redação e com uma investigação baseada na entrevista das mesmas fontes usadas pelos periódicos internacionais ou consultando os mesmo especialistas brasileiros.

### **Ciência, jornalismo e sociedade**

A nossa sociedade vive um momento em que os componentes científicos e tecnológicos crescem a cada dia, aumentando a necessidade de difundir tais conhecimentos entre o maior número possível de pessoas, por meio de uma linguagem facilmente compreensível. Segundo o jornalista Manuel Calvo Hernando, em seu livro “Periodismo Científico”, “esta missão cabe a diversos profissionais. Sendo o jornalismo um reflexo da nossa vida diária, nada mais natural que divulgar a informação do universo da ciência e da tecnologia”.<sup>3</sup>

Sendo um mediador entre a sociedade e a comunidade científica, o jornalista científico tem por objetivos informar, interpretar, estimular a curiosidade e a responsabilidade científica e ajudar o indivíduo a dominar os problemas da sua realidade. Para isso, deve dar uma visão geral do fato científico, mostrando suas influências culturais, sociais, políticas e econômicas. A jornalista Fabíola Oliveira explica, em seu livro “Jornalismo Científico”, a importância da divulgação científica para a sociedade:

“O direito a informação, por si só, justificaria a essência da necessidade de divulgar ciência e tecnologia para o grande público

---

<sup>3</sup> 1992, p. 19



como forma de socialização do conhecimento. Mas as justificativas vão mais além” (...) “ A maior parte dos investimentos em ciência e tecnologia é oriunda dos cofres públicos, ou seja, da própria sociedade para quem devem retornar os benefícios resultantes de tais investimentos”.<sup>4</sup>

Para entender o espaço que é dado na mídia nacional para os assuntos voltados à ciência e tecnologia, devemos compreender que suas características estão ligadas ao crescimento do espaço tanto da ciência como do jornalismo científico no mundo e no Brasil.

### **Jornalismo Científico no mundo**

A história do jornalismo científico pode ser atrelada à descoberta da imprensa de tipos móveis, em meados do século XV. Isso porque a criação de Gutemberg impulsionou a formação de uma comunidade científica, já que o conhecimento estaria disponível a um número maior de pessoas, que necessariamente faziam parte de uma pequena camada letrada.

Depois desse primeiro impulso, os séculos XVI e XVII abriram um maior espaço para a divulgação científica, já que se vivia o período da chamada revolução científica. Como os processos sociais de mudanças dessa época eram bem mais lentos do que os atuais, a divulgação científica surgiu apenas no século XVII, na Inglaterra, quando cientistas trocavam cartas sobre idéias e novas descobertas.

Foi o alemão Henry Oldenburg que inventou a profissão de jornalista científico, criando em 1665 o jornal *Philosophical Transactions*, que serviria de modelo para muitas publicações científicas modernas. Oldenburg foi o primeiro a perceber a importância da divulgação do texto informal e fragmentado das cartas dos cientistas aos leitores, que assim podiam conhecer um pouco mais sobre o desenvolvimento da ciência mundial, sem esbarrar na linguagem complexa e restrita aos estudiosos de cada área.

As invenções do barco e da locomotiva a vapor, do telégrafo, a Primeira Guerra Mundial, a criação de associações de jornalistas científicos, o surgimento dos EUA como potência tecnológica no final da Segunda Guerra, formam o grupo dos principais

---

<sup>4</sup> 2002, p.13



colaboradores para o impulso massivo do jornalismo científico entre os séculos XIX e XX. Na época que compreende as duas guerras, tanto jornalistas como a população queriam obter mais conhecimento sobre as novas tecnologias bélicas e sobre a energia nuclear.

### **Jornalismo científico no Brasil**

No Brasil, os avanços científicos e tecnológicos e até mesmo o surgimento do jornalismo científico sofreram um relativo atraso se comparados a Europa e aos EUA, devido ao nosso tipo de colonização, que não favorecia o crescimento interno do país, e pelos extensos períodos de censura.

Foi a partir do fim do Estado Novo que a ciência começou a fazer parte da sociedade brasileira, sendo bastante influenciada pelas conseqüências das duas guerras mundiais. Assim, foram criadas entidades e instituições com o intuito de organizar a comunidade científica e regulamentar a ciência e tecnologia no país, como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1951.

Segundo Oliveira, podemos destacar dois nomes na história do jornalismo brasileiro e da divulgação científica: o jornalista, militar e engenheiro Euclides da Cunha e o jornalista, médico, pesquisador e educador José Reis.

O primeiro nome é citado embora nem mesmo Euclides da Cunha se intitulasse jornalista científico. A indicação deve-se à publicação do livro “Os Sertões” resultante da viagem do autor a Canudos. “O jornalista fez em vários momentos profunda reflexão sobre a influência do meio ambiente na formação do homem brasileiro. Discute as variações do clima, da qualidade da terra, da vegetação, da água e dos minerais”.<sup>5</sup>

Já o segundo é citado pelo seu intenso trabalho em divulgar a ciência desde 1932 – quando publicava artigos voltados àqueles que não estavam próximos da linguagem científica – e por ser um dos fundadores da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) e da já mencionada SBPC. “Após aposentar-se em 1958, J. Reis passou a dedicar-se integralmente ao ensino e à divulgação científica, publicou mais de cinco mil trabalhos entre livros, artigos científicos e material jornalístico”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> 2002, p.32

<sup>6</sup> Idem, p. 34



Com a ideologia nacionalista do governo militar (1964-1984) e a intensa censura, os jornalistas eram obrigados a informar à população apenas sobre aqueles projetos que os militares acreditavam que levariam o país a ser soberano, tais como a rodovia transamazônica, o programa nuclear e o programa aeroespacial.

Com a corrida aeroespacial entre EUA e Rússia, tanto a mídia impressa, como o rádio e a televisão, começaram a dar espaço ao noticiário científico. De acordo com a jornalista Sâmia de Christo Garcia, em seu artigo “A relação entre o pesquisador e o jornalista”, “em maio de 1963, O Estado de S. Paulo criou a seção Atualidade Científica, destinada a dar ampla divulgação a temas científicos nacionais e estrangeiros e criar uma consciência pública para a importância da ciência”.<sup>7</sup>

Com o surgimento de novas revistas a partir da década de 80, mais uma vez o jornalismo científico ganhou espaço no meio jornalístico e na vida das pessoas. Revistas como Ciência Hoje (SBPC), Ciência Ilustrada (Editora Abril), Superinteressante (Editora Abril), Globo Ciência (Editora Globo) e a renovação da Revista Brasileira de Tecnologia pelo CNPq fizeram com que o interesse por ciência e tecnologia se expandisse até mesmo para os jornais diários.

Apesar de a partir dos anos 90 os principais jornais do país já possuem uma certa organização e espaço para ciência e tecnologia, segundo Oliveira “Os avanços já conseguidos pela ciência no Brasil ainda não são suficientemente conhecidos, a não ser em círculos restritos”.<sup>8</sup> A autora também salienta que “a formação de uma cultura científica, notadamente em sociedades emergentes como é o caso do Brasil, não é processo simples ou que se possa empreender em pouco tempo”.<sup>9</sup>

### **Problemas na divulgação científica**

Além das dificuldades históricas, a popularização da ciência esbarra em problemas de diversas ordens. Dentre eles podemos destacar aqueles inerentes à ciência e tecnologia, ao jornalismo e à relação entre cientistas e jornalistas.

O primeiro problema ocorre devido à estrutura da ciência e da tecnologia e de certas características dos profissionais nessas atividades, que dificultam a própria

---

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19198/1/2002\\_COMUNICACOES\\_GARCIA.pdf](http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19198/1/2002_COMUNICACOES_GARCIA.pdf)>. Acesso em: 10 novembro 2006

<sup>8</sup> 2002, p. 12

<sup>9</sup> Idem, p. 13



difusão popular de seu trabalho; e à explosão informativa, já que todos os dias são descobertas centenas de novos assuntos, que nem mesmo os cientistas conseguem acompanhar.

O sensacionalismo e a fragmentação são apontados por cientistas e estudiosos como os pontos fracos do jornalismo científico, o que representa o segundo problema. Hernando cita que na cobertura jornalística também, existe “a falta de jornalistas especializados; necessidade de cooperação na atualização dos jornalistas; urgência de incrementar a demanda de informação científica; e ambigüidade dos conceitos”.<sup>10</sup>

Os jornalistas e os cientistas, por não possuírem os mesmo objetivos e nem a mesma formação, acabam por apontar deficiências na divulgação de cada um, ocorrendo o terceiro problema mencionado. Apesar disso, os dois profissionais devem ter em mente que, para que a informação científica e tecnológica chegue a toda a população, suas tarefas devem ser complementares, havendo um intercâmbio de informações para conseguir um texto jornalístico que preserve os conteúdos da ciência, mas que também seja expresso em uma linguagem compreensível ao público. Hernando salienta:

“Os cientistas tem a obrigação de facilitar a participação de seus colegas no avanço do conhecimento e os jornalistas devem fazer tal divulgação já que o progresso científico e tecnológico ocupa uma parte considerável da área de atuação desse profissional: a vida cotidiana das pessoas. Dizem que os cientistas possuem uma linguagem obscura, com uma certa falta de precisão e clareza, e que os jornalistas são ligeiros e frívolos, dando espaço para a irresponsabilidade” (...) “Como nunca dependeu do jornalista, o cientista não estava habituado com as relações com os meios de comunicação de massa, mas as duas profissões tem em comum a necessidade de comunicar-se, sendo um complemento do outro”.<sup>11</sup>

Porém, muitos jornalistas desavisados poderão achar que as falas e as intenções de suas fontes são isentas, já que a ciência passa a imagem de ser nobre e isenta. O redator de ciência não pode esquecer que no mundo globalizado a ciência e a tecnologia

---

<sup>10</sup> 1992, p.54

<sup>11</sup> Idem, pgs. 65 e 152.



também são consideradas mercadorias, que atendem aos interesses dos pesquisadores ou da empresa para qual trabalham.

Outro problema na relação entre jornalistas e cientistas é apresentado Burkett. Ele ressalta que os cientistas apresentam estudos apoiados em hipóteses, que após serem publicadas podem se revelar verdadeiras ou não. Como os jornalistas em geral se interessam por fatos estabelecidos, concretos e que não geram dúvida, a confiança na reputação de especialistas torna-se característica imprescindível na escolha de qual estudo terá um caráter noticioso. “Uma história com qualificações e proteções demais parece fraca e não-confiável”.<sup>12</sup>

Além das dificuldades apresentadas, podemos apontar que dispor de referências sérias e confiáveis torna-se tarefa cada vez mais difícil. A falta de contrastes entre fontes, a freqüente utilização de *press-releases* e a incorporação de material de outros meios de comunicação – muitas vezes sem apuração ou aprofundamento –, levam à desinformação, ao engano e às vezes à fraude informativa.

“Por mais cômoda que seja a criação de matérias através da cópia dos trabalhos dos pesquisadores e das matérias feitas pelos redatores de grandes veículos, as reuniões científicas oferecem a oportunidade de entrevistar pesquisadores visitantes, que não têm nenhuma ligação comercial e ideológica com o trabalho apresentado. Afastar-se das fontes corriqueiras pode proporcionar histórias exclusivas e sob uma visão diferenciada”.<sup>13</sup>

Por mais que os redatores de *press-releases* ofereçam outra fonte útil de informação científica, o jornalista deve tomar cuidado e ter em mente que esses textos são dirigidos à promoção do bem-estar das empresas. Essas fontes necessitam de suplementação porque raramente mencionam estudos semelhantes feitos por outras instituições. Para evitar fraudes e erros é indispensável saber perguntar, apresentar de modo inteligente e sugestivo o assunto, traçar um perfil do pesquisador e manter-se em vigília.

---

<sup>12</sup> 1990, p. 92.

<sup>13</sup> BURKETT, Warren, *Jornalismo Científico – Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação* – Rio de Janeiro – Editora Forense Universitária, 1990, p. 89.



Para Burket, “com uma investigação mais aprofundada, o jornalista poderá perceber que tal pesquisa está mais desenvolvida nos estudos de outros cientistas e que a informação do *press-release* só visa o bem-estar da empresa ou instituição citada”.<sup>14</sup>

### **Caso Woo-Suk Hwang**

Além do conhecimento das características e problemas do jornalismo científico, faz-se necessária aqui uma retrospectiva do objeto de estudo deste artigo para entendermos o fato e sua repercussão.

Desde fevereiro de 2004, o jornal *Folha de S. Paulo* tem publicado notícias a respeito das descobertas de uma equipe de cientistas sul-coreanos, chefiados por Woo-Suk Hwang.

A primeira notícia publicada pelo jornal aborda a divulgação que Hwang e sua equipe fizeram na revista americana *Science*, sobre a clonagem de 30 embriões humanos. Tal matéria apresentava apenas citações dos autores do estudo, dos editores da *Science* e de um professor de medicina da Universidade de Cambridge. Sem depoimentos de especialistas brasileiros, a pesquisa de Hwang parece estar distante do nosso universo e, segundo a abordagem do jornal, dificilmente chegará a influenciar a vida da população brasileira. Essa falta de fontes brasileiras também passa a impressão de que os pesquisadores do Brasil não possuem tanta credibilidade quanto os de outros países para opinar sobre um estudo considerado por diversos periódicos, inclusive pela *Folha*, como a descoberta do ano. Os redatores também não se preocuparam em fazer um paralelo com o que vem sendo feito no Brasil em relação à clonagem e às células-tronco, fato este que contextualizaria o assunto a realidade da nossa população.

Após a publicação da descoberta com base na *Science*, o jornal apresenta como suíte da matéria uma entrevista com o próprio cientista, que corroborou as informações publicadas na *Science*, sem nada acrescentar ao assunto.

Já em maio de 2005, o mesmo cientista publica outro artigo na *Science* – que apareceu em sua página na Internet em maio e na edição impressa em junho – no qual divulga a descoberta das primeiras linhagens de células-tronco a partir de embriões humanos clonados. Da mesma forma que em 2004, a *Folha* publica matéria sobre o artigo e entrevista o cientista Woo-Suk Hwang.

---

<sup>14</sup> 1990, p. 103





Dessa vez o jornal faz uma cobertura mais intensa, já que divulga a existência de outra pesquisa sobre o assunto, feita por cientistas britânicos; e por entrevistar especialistas brasileiros.

As entrevistadas Lygia da Veiga, pesquisadora da USP que trabalha com o tema, e Rosalia Otero, pesquisadora da UFRJ, têm grande importância para a matéria, pois aproximam a notícia do universo brasileiro e dão credibilidade aos cientistas nacionais. Porém, em nenhum momento essas especialistas foram questionadas sobre a viabilidade de se fazer tal pesquisa, esquecendo as causas e analisando apenas as conseqüências. Novamente o jornal não mostrou o que está sendo feito no Brasil sobre o assunto.

Nesse mesmo ano, em novembro, um dos membros da equipe do cientista sul-coreano, o americano Gerald Schaten, põe fim à parceria, alegando ter encontrado um erro em uma tabela feita pela equipe coreana. No mesmo mês em que surgiram os rumores de que Hwang havia usado métodos questionáveis para fazer sua pesquisa, ele admite ter usado óvulos humanos de 2 membros de sua equipe e renuncia a seus cargos oficiais. Sobre este fato, o jornal veicula as matérias com base nas publicações internacionais – as revistas *Science* e *Nature* –, incorporando em uma das matérias as falas de Hwang, retiradas de um comunicado oficial, em que o cientista admitia ter conhecimento da procedência dos óvulos desde 2004. No final da reportagem o jornal alega não ter encontrado o cientista para falar sobre o assunto.

Aqui podemos notar que a fraude pôde não ter sido percebida anteriormente porque a cobertura se importa mais com os autores da pesquisa, em lugar de buscar fontes para separar os possíveis desdobramentos positivos e negativos das decisões científicas e políticas sobre o estudo.

Em dezembro, um dos pesquisadores da equipe de Hwang, Sung-il Roh, do Hospital Mizmedi, em Seul, denuncia que nove das onze linhagens de células-tronco embrionárias humanas supostamente criadas por clonagem pela equipe de Hwang nunca existiram. A *Folha* apenas repassa os fatos aos leitores brasileiros e em 29 de dezembro publica que o comitê da Universidade de Seul não encontrou nenhuma evidência sobre a autenticidade das pesquisas e que nenhuma célula clonada foi encontrada. Não há nenhuma investigação sobre o assunto ou a coleta de opiniões sobre o acontecido.

As opiniões de especialistas brasileiros voltam a aparecer na matéria “Cientista coreano admite falhas éticas e deixa cargo”, de 25 de novembro. Identificando pontos de vista de diferentes pesquisadores, o jornalista permite ao leitor pensar sobre o assunto e tirar suas próprias conclusões.

O professor Marco Segre mostra as possíveis causas para as falhas éticas de Hwang. Com dois pontos de vista do mesmo especialista, o leitor pode escolher em qual “teoria” acreditar, possibilitando uma interação entre texto e leitor. Outra citação importante do Prof. Segre é a sua opinião sobre a compensação financeira em estudos científicos e tecnológicos. A afirmação possui grande valor para a matéria, pois demonstra como um brasileiro agiria em uma situação similar, aproximando o caso do universo brasileiro.

As outras duas afirmações são de fontes anteriormente utilizadas. A especialista em células-tronco Rosalia Otero mostra o receio pelo fim das pesquisas, indicando o quanto a descoberta é importante para a ciência. Já a pesquisadora da USP Lygia da Veiga Pereira mostra o lado bom da confissão de Hwang.

Com a publicação de matérias em períodos muito próximos, no dia 31 do mesmo mês, o jornal apresenta a notícia de que a *Science* iria se retratar pelo artigo fraudulento. A pesquisa passa a não ser vista como certa após as descobertas das fraudes e traços de sensacionalismo passam a ser encontrados na cobertura.

Esse é o caso da citação apresentada pela *Folha* na matéria “Estudo revolucionário é fraude, diz coreano”, de 16 de dezembro, de outro pesquisador da equipe de Hwang, apenas identificado como Kim. Retirada de uma entrevista dada a uma TV coreana, a citação de Kim aponta outros fatos que põem em dúvida a pesquisa de Hwang. Porém, sem provas concretas, tal afirmação colabora para aumentar o sensacionalismo das denúncias, ao passo que procura outras fraudes.

Apenas em janeiro de 2006, Hwang admite a fraude e pede perdão, dizendo ter sido enganado por cientistas-juniores e por ter ficado “enlouquecido e cegado na sua obsessão para avançarem os estudos”. Neste mesmo mês, é publicada a confirmação, por parte de uma auditoria da Universidade de Seul, de que Hwang fraudou todos os trabalhos com embriões humanos. A pesquisadora Lygia da Veiga Pereira volta a ser entrevistada e mostra indiretamente que no Brasil não temos nada parecido com o que foi apresentado na Coreia e que, com a fraude, volta-se à estaca zero.

Após a confirmação da fraude, a *Folha* publica rumores sobre o recebimento de 6 milhões de dólares por parte do cientista, sobre sua demissão e sobre a coletiva do editor da *Science*, até março de 2006. Em maio deste mesmo ano, o jornal apresenta uma matéria sobre a acusação formal feita pela Promotoria da Coreia do Sul a Hwang, acusando-o de malversação de fundos e de violar a legislação sobre bioética devido à manipulação de dados em experimentos sobre a clonagem de células-tronco de



embriões humanos. Também afirmam que Hwang desviou cerca de US\$ 3 milhões dos orçamentos destinados à pesquisa científica.

Após as matérias de acusações e sem novas notícias sobre o caso, o jornal não se esqueceu do caso e apresentou em agosto de 2006 uma matéria com o seguinte título: “Fraude coreana: Hwang está de volta à ativa, em novo laboratório”, na qual afirma que o cientista retomou seus trabalhos em um novo laboratório para o estudo de células-tronco em animais, já que foi proibido de trabalhar em experimentos com humanos.

Vale ressaltar que a maioria das matérias desse período que não eram assinadas como sendo notícias de agências de comunicação – como a EFE de Seul e a France Presse de Washington –, eram assinadas por jornalistas da *Folha de S. Paulo* ou pelo próprio jornal, apresentando apenas um resumo do que já havia sido publicado ou com entrevistas do cientista Woo-Suk Hwang anexadas ou dos editores da revista *Science*.

Os redatores de ciência do jornal podem alegar que o erro informativo pode ocorrer devido à falta de tempo para informar notícias de incidentes ou fraudes, impedindo uma pesquisa mais aprofundada e a busca por novas fontes. Também podem dizer que, já que não têm condições de desenvolver uma investigação independente, são obrigados a confiar em fontes envolvidas com a questão ou em meios de comunicação com grande credibilidade. Porém, ao utilizar apenas materiais de agências internacionais e de entrevistar sempre os mesmos especialistas sobre o assunto, passam a ter apenas um ponto de vista sobre o fato inesperado, ou seja, a fraude.

Com poucos profissionais, a redação de ciência no Brasil depara-se com um grande número de matérias para realizar em um curto espaço de tempo. Para que tudo termine exatamente no *deadline* estabelecido pelos editores, os jornalistas dominam a técnica de selecionar dados de acordo com os interesses dos leitores, muitas vezes deixando fatos importantes para trás e utilizando-se apenas da credibilidade das fontes científicas ou jornalísticas.

Ainda não existe a veiculação de questionamentos sobre resultados de projetos científicos e/ou tecnológicos, cuja divulgação nos jornais serve mais para destacar novas descobertas, do que para averiguar e contextualizar o assunto. Segundo o jornalista Sérgio Bialski, em seu artigo “Jornalismo Científico: Uma visão Conceitual”, no



noticiário de ciência brasileiro ‘não há investigação, confronto de idéias e teorias, nem a discussão sobre a natureza da própria ciência’.<sup>15</sup>

Mas como os redatores de ciência podem evitar a publicação de notícias falsas ou incorretas? Será que basta recorrer a outras informações que contestem ou reafirmem os resultados de uma pesquisa? E a imparcialidade, ainda existe no meio jornalístico?

Para responder a tais questões é necessário saber o quanto da ética jornalística ainda está presente em tais profissionais; saber como esses profissionais devem reportar os fatos para que o leitor tenha uma leitura intelectual e saiba contextualizar o assunto a sua realidade; conhecer uma forma eficaz para tecer a linha entre o fato e sua interpretação, opinião ou especulação; e principalmente saber como um profissional de jornalismo deve analisar os interesses e objetivos de suas fontes.

### Referências bibliográficas

BIALSKI, Sérgio, *Jornalismo Científico: Uma visão Conceitual*. Defesa de dissertação de tese na ECA (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), em novembro de 2005. Disponível em: <http://www.sinpropr.org.br/tese/005.htm> . Acesso em: 28 maio 2007.

BURKET, Warren, *Jornalismo Científico – Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação* – Rio de Janeiro – Editora Forense Universitária, 1990.

HERNANDO, Manuel Calvo, *Periodismo Científico*. Madrid: Paraninfo, 1992. 2. ed. rev; ampl.

OLIVEIRA, Fabíola de, *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2002. – (Coleção Comunicação)

GARCIA, Sâmia de Christo, *A relação entre o pesquisador e o jornalista*. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador. Disponível em: <[http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19198/1/2002\\_COMUNICACOES\\_GARCIA.pdf](http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/19198/1/2002_COMUNICACOES_GARCIA.pdf)> Acesso em: 10 novembro 2006

JUNIOR, José S. de Veras, *Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2005.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.sinpropr.org.br/tese/005.htm>> . Acesso em: 28 maio 2007



Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=864](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=864)>. Acesso em: 10 novembro 2006.

JORNAL FOLHA DE S. PAULO. São Paulo [entre 2004 e 2006]. Disponível em: <<http://busca.folha.uol.com.br/search?site=online&q=woo-Suk+Hwang>>. Acesso em: 15 outubro 2006.

SCIENCE MAGAZINE. [entre 2004 e 2006] Disponível em: <[http://www.sciencemag.org/cgi/search?src=hw&site\\_area=sci&fulltext=WooSuk+Hwang&search\\_submit.x=14&search\\_submit.y=4](http://www.sciencemag.org/cgi/search?src=hw&site_area=sci&fulltext=WooSuk+Hwang&search_submit.x=14&search_submit.y=4)> Acesso em: 15 outubro 2006.